

ANTROPO... O QUÊ?

O uso de podcast para descomplicar e ensinar Antropologia



ANTHROPO... WHAT?
The use of podcast to uncomplicate and teach
Anthropology

Hugo Virgilio de Oliveira
Universidade Federal Fluminense
Departamento de Antropologia | Rio de Janeiro, Brasil
hugovirgilio@id.uff.br | ORCID iD: 0000-0002-4934-8943

Primeira temporada do MUNDARÉU, 2019: Locução de:
Daniela Manica e Soraya Fleischer. Podcast.
Disponível em: <https://bit.ly/3j4f1xX>

Resumo

"Antropo... o que? Nunca ouvi falar!" (Mundaréu 2019). Essa é uma das falas mais frequentes que qualquer pessoa da área de Antropologia já ouviu. Buscando explicar de maneira simples e didática, o Mundaréu: podcast de antropologia surge como uma ferramenta inovadora para ensinar e comunicar a disciplina para diversos públicos. Através dos episódios da primeira temporada é possível identificar uma série de temas, desafios e histórias que ilustram essa prática profissional de maneira descomplicada.

Palavras-chave

Ensino; Antropologia; Educação; Podcast.

Abstract

"Antropo... what? I've never heard of it!" (Mundaréu 2019). This is one of the most frequent talks anyone in the field of Anthropology has ever heard. Seeking to explain in a simple and didactic way, Mundaréu: podcast of anthropology appears as an innovative tool to teach and communicate the discipline to several audiences. Through the episodes of the first season it is possible to identify a number of themes, challenges and stories that illustrate this professional practice in an uncomplicated way.

Keywords

Teaching; Anthropology; Education; Podcast.



Antropo... o que? Nunca ouvi falar! Já sei, é aquela área que estuda dinossauro? Não é o povo que pesquisa os ossos de gente, de gente que já viveu faz muito tempo na terra? Nossa, eu acho tão bonitos esses assuntos de antropólogo! Mas Antropologia não é a mesma coisa de antropofagia?? Ah, eu tenho uma prima que estuda isso, ela passa o tempo todo lendo, lendo, lendo... Ixi, mas Antropologia não é aquela área que fala difícil? (MUNDARÉU, 2019)

Essas são algumas as perguntas que abrem o *trailer* de divulgação da primeira temporada do *Mundaréu, um podcast¹ de antropologia*, e inspiram o programa em áudio, que tem como objetivo a divulgação científica. Com isso, busca-se tornar a antropologia mais palpável tanto para alunos das ciências sociais, como também para as pessoas leigas e de fora da academia. A proposta acontece através de uma rica dinâmica em que um antropólogo e um interlocutor são convidados para contar suas experiências e promover uma troca sobre diferentes pontos de vista entre pesquisador e “pesquisado”.

O programa teve o primeiro episódio da sua primeira temporada lançado em novembro de 2019 e o último em julho de 2020, tendo ao todo 8 episódios que foram veiculados mensalmente. Ele é produto de uma parceria entre as antropólogas, amigas e coordenadoras do projeto: Soraya Fleischer, da Universidade de Brasília (UnB), e Daniela Manica, da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Além delas, que também são apresentadoras do programa, a produção do *podcast* também conta com a colaboração de uma equipe de alunos de graduação e pós de ambas as universidades.

O *Mundaréu* é um dos pioneiros em diversidade de conteúdo, como também na forma de apresentar a Antropologia. Nesse sentido, o que essa nova forma de falar sobre antropologia nos ensina? Que reflexões sobre a prática da antropologia e de como a comunicamos o *Mundaréu* fomenta? Uma antropologia cada dia mais horizontal e próxima das pessoas é possível? Com isso, o objetivo desse trabalho é apresentar um apanhado de reflexões sobre como essa nova forma de comunicar antropologia traz ricas reflexões sobre a disciplina a partir de cada um dos oito episódios da sua

¹ Um tipo de programa em áudio que pode ser ouvido online ou off-line.

primeira temporada: tanto como projeto de pesquisa dentro de uma universidade pública, mas também como meio para democratizar o conhecimento.

Os episódios

O episódio 1 do *Mundaréu* foi lançado sob o título “Uma putafeminista, um puta antropólogo”. O episódio parte da pesquisa do antropólogo José Miguel Olivar Nieto, sobre o mercado internacional do sexo e questões relacionadas a sexualidade, trabalho e prostituição, e seu encontro com a Betânia Santos, trabalhadora sexual e importante liderança da Associação Mulheres Guerreiras. Esse programa discute importantes temas relacionados à questão da prostituição, luta pela legitimidade das trabalhadoras sexuais e contra a repressão e discriminação que essas mulheres sofrem pela sociedade civil, polícia e pelo Estado.

Já o episódio 2 veio intitulado “Quando samsara é nirvana e nirvana é samsara”, tendo como convidados o antropólogo Rodrigo Toniol, e a quiroprata e mestrande da Faculdade de Medicina da USP, Marina Sena. Esse episódio conta a história do encontro entre Rodrigo e Marina e seus interesses em pesquisar a saúde e a espiritualidade: ela buscando entender a relação entre esses dois campos e ele estudando como pesquisadores como ela realizavam esse trabalho, ou seja, uma pesquisa da pesquisa. São debatidos temas como o desconforto em ter Rodrigo pesquisando pesquisadores devido ao medo de julgamentos, bem como das dificuldades dele para acessar o campo e os desafios das conhecidas terapias alternativas e da espiritualidade em relação à medicina tradicional.

Depois disso, o episódio 3 foi lançado com o título “Pessoas cis podem fazer pesquisa com pessoas trans”. O programa fala sobre a pesquisa da antropóloga Érica Souza em um Centro de Referência LGBTI+, onde conheceu seu interlocutor Marcel Bauaab, homem trans. Dentre os temas, destacam-se o desafio de se fazer pesquisa em um tema tão sensível, principalmente para os interlocutores, como também sobre a importância da humildade, de se estabelecer confiança, e do saber ouvir numa relação entre pesquisador-interlocutor.

Em seguida, o episódio 4 foi lançado intitulado “Lona, luta e andorinhas”, tendo como convidados a antropóloga Nashieli Rangel e o seu interlocutor Seu Irineu, morador de

um assentamento do MST e militante da Reforma Agrária. O episódio conta sobre os desafios enfrentados pelos moradores de acampamentos do MST e das contribuições da Antropologia para a legitimidade da luta pela Reforma Agrária, na luta pela terra e também para a desmistificação de militantes do MST como baderneiros e invasores.

O episódio 5 veio com o título de “Vozes na floresta e na universidade”. Os convidados são a etnóloga Artionka Capiberibe e a Daniela Patrícia Villegas Barbosa, “estudante da etnia Tukano aprovada no primeiro vestibular indígena da Unicamp” (MUNDARÉU, 2020). O episódio chama atenção logo de início para a variedade de etnias indígenas brasileiras e dos desafios enfrentados com relação às disputas territoriais e ambientais bastante recentes. De modo geral, o objetivo do episódio é provocar uma discussão sobre “universidade entre os povos na floresta e, de modo cada vez mais contundente, os povos da floresta na universidade – novos diálogos, novas vozes para conhecermos” (Mundaréu 2020).

O episódio 6 é com a antropóloga Taniele Rui e seu interlocutor liderança no Complexo da Maré, Henrique Gomes. O programa vem sob o título de “Velhas ideias derrubam velhos conceitos” e aborda a relação de amizade cultivada entre a pesquisadora e o ativista social, bem como as delicadezas de se pesquisar usuários de drogas em comunidades já estigmatizadas por essa imagem. No mesmo caminho, o episódio também fala muito sobre desafios metodológicos, expectativas de entrar em campo, estereótipos e de como a pesquisa sempre afeta interlocutor e pesquisador.

Já o episódio 7 vem com o título de “A gente vai no boca a boca”, e conta com as convidadas Clarice Rios, antropóloga, e a Iranice do Nascimento, líder da associação Mão Amiga no Rio de Janeiro. Nesse programa, somos convidados a refletir sobre as descobertas de uma mãe em ter um filho autista e de como isso se tornou uma força motriz para ajudar outras mães. Do mesmo modo, a conversa também chama atenção para os desafios de se fazer uma pesquisa com pessoas com autismo, da relação criada em campo e da solidarização com a luta cotidiana desses responsáveis, mães e pais.

Por fim, o episódio 8 vem como um apanhado geral de toda a temporada sob o título de “Mundo, tempo e temporada”. O principal objetivo desse programa é fazer uma

espécie de revisão e reflexão de todo o trabalho durante a primeira temporada e o seu processo de construção e evolução. São convidados a participar os alunos que estiveram nos bastidores do projeto atuando de diversas formas e também convidados dos episódios que comentam sobre sua participação depois que o programa foi ao ar. Um ponto que fica claro logo de cara é o caráter extremamente colaborativo e horizontal de como os episódios são produzidos. Alunos e professoras ocupam um mesmo espaço de debate ao longo da construção de cada um dos episódios e contribuem com novas ideias para o andamento do projeto. Ao final, os créditos ficam registrados na página de cada episódio no site. (Fleischer; Mota 2021).

Quebrando paradigmas

Inovador, empolgante e cativante. É notável como o *Mundaréu* vem para comunicar a antropologia de forma acessível e quebrar alguns paradigmas que cercam essa área de conhecimento na prática e também na teoria.

O primeiro paradigma é o da Antropologia “do outro”: há não muito tempo atrás e, às vezes, ainda hoje, a antropologia é constantemente associada a práticas colonialistas e/ou assistencialistas (Rocha 1984; Zenobi 2010). Segundo João Pacheco de Oliveira (2009:6), a antropologia já deixou há muito tempo de ser uma “ciência dos povos primitivos para transformar-se em um estudo do homem na sua pluralidade de manifestações”. Como podemos observar ao longo da temporada, busca-se trazer pessoas próximas à realidade social de seus ouvintes mostrando como a Antropologia atua naquela rua que você passa diariamente; numa associação que você viu na TV; ou naquela favela que está sempre nas manchetes. O programa não hierarquiza antropólogos e interlocutores: são pessoas que vão à mesma rede de supermercados, usam o transporte público e que se estressam para tirar segunda via do RG quando necessário.

Seu Irineu: [...] Ali meu pai trabalhava na lavoura, a gente, eu, meus irmãos tudo na lavoura [...]. Ai trabalhei na área industrial têxtil, firma têxtil [...]. Quando eu saí da indústria, eu fiz curso de telefonia, telecomunicação, fui trabalhar com telefonia mas não deixei de pertencer ao sindicato, sempre trabalhando com sindicato. (Mundaréu 2020: Ep. 4)

Henrique: Meu nome é Henrique, eu moro na Maré desde os 6 anos de idade. [...]. É uma favela com dezesseis favelas, na

verdade, é um complexo: [...]. A música, na verdade, ela me habilitou porque eu comecei a ultrapassar essas barreiras porque eu ia encontrar os amigos de outros lugares, de outras favelas, ia tocar em outros lugares, então eu acabei conhecendo bastante o território, bastante gente dentro do território da Maré [...]. (Mundaréu 2020: Ep. 6)

Nessa mesma linha, *o segundo paradigma é o da suposta complexidade com a qual a Antropologia é associada*: não é incomum que a disciplina seja associada constantemente a cargas de leituras surreais ou mesmo a temáticas relacionadas a psicologia e a mente humana. Na contramão disso, o *Mundaréu* a todo momento se preocupa em explicar ao ouvinte termos técnicos que possam aparecer e descrever os cenários ao longo do episódio: tanto por parte das apresentadoras, como também aos convidados que são incentivados a descreverem com ricos detalhes os seus campos, explicar suas pesquisas e como tudo isso contribui para a produção de conhecimento e para a ciência.

Clarice: Então é muita gente na rua, as calçadas são super estreitas, né, e logo abaixo da estação de metrô tem um lugar que eles chamam de feirinha da Pavuna. E aí a gente sai, a gente anda até ali, e ele vem fazendo um circuito, ele ia na farmácia, no supermercado, nos lugares onde tinha encarte com produtos e preços, né, disponíveis. (Mundaréu 2020: Ep. 6)

Patrícia: Ah então, a Marcha das Mulheres Indígenas foi... durou três dias né. Foram três dias. Em cada um dos dias, foram feitas atividades diferentes, né. No segundo dia, a atividade foi ocupar o prédio onde fica a Secretaria de Saúde Indígena, a SESAI. (Mundaréu 2020: Ep. 5)

Nesse sentido, o *Mundaréu* inova ao ensinar Antropologia em áudio e contando histórias que vão de contramão aos textos clássicos sobre sociedades distantes, com nomes difíceis e que nem sabemos onde habitam. Tudo isso de uma maneira agradável, cumprindo a promessa de contar histórias.

Um terceiro paradigma se refere às formas de se ensinar Antropologia: o *Mundaréu* vem de encontro a um debate muito atual sobre como inovar nas formas de comunicar e transmitir conhecimento dentro da academia. A mais comum é sem dúvida através da leitura de artigos, teses e dissertações; um recurso tradicional, mas sem dúvida ultrapassado se pensarmos a quantidade de conteúdo interativo e digital que se pode

produzir hoje. Conforme sugerem alguns autores, é preciso repensar a educação, ainda mais considerando a amplitude do universo digital ao qual estamos inseridos (Souza de Souza 2019; Carvalho 2009):

Daniela: Esse movimento que a gente propôs ao trazer parceiros de pesquisa e de vida pra falar teve a intenção de também expandir o tipo de conhecimento que a Antropologia pode produzir no sentido em que essas pessoas geralmente aparecem nos textos dos antropólogos, as suas falas aparecem transcritas, aparecem entrecortadas no argumento que cada antropólogo colocou. (Mundaréu 2020: Ep. 8)

O quarto paradigma é o de discutir Tabus: o *Mundaréu* aborda com muita naturalidade, ousadia e delicadeza temas que são frequentemente alvos de polêmicas ou tratados como se estivéssemos pisando em ovos. Desse modo, o programa aborda conceitos importantes relacionados à relativização, à preparação prévia que o trabalho demanda em diversas questões relacionadas ao linguajar usado em campo, diferentes situações de renda, saúde, preconceitos e estigmas que nossos interlocutores podem lidar. Também é interessante como é recorrente ao longo dos episódios a fala dos convidados de modo a legitimar e ocupar mais um espaço de fala resgatando suas respectivas trajetórias:

Betânia: E nesse momento eu me senti no direito de levantar essa bandeira que é minha, uma bandeira que foi criada por ela [Gabriela Leite], mas é um legado que eu trago. Mas foi esse meu primeiro passo pra ser quem eu sou hoje, pra ser Betânia Santos, pra ser a prostituta que eu sou hoje, e levantar essa bandeira de luta que é a palavra “puta”. (Mundaréu 2019: Ep. 1)

Marcel: O momento que a gente decide transacionar é muito complicado porque surgem muitas dúvidas né, a gente fica relutante em alguns momentos [...] a gente não sabe o que esperar, a gente não sabe como que vai ser nossa vida dali pra frente, se as pessoas vão respeitar, se não vão, se a transição vai ser bem sucedida, se não vai, se a gente vai ter problemas né [...]. (Mundaréu 2019: Ep. 3)

O quinto e último paradigma é o das formas de fazer Antropologia: é unânime para pesquisadores da disciplina que não existe uma receita de bolo para a etnografia perfeita. Com isso, o *Mundaréu* vem recheado de experiências metodológicas que instigam e apresentam novas possibilidades de imersão e abordagens. Ao longo da temporada podemos notar como imersões mais firmes tiveram sucesso tanto quanto outras mais humildes e de escuta.

No mesmo caminho, observamos relatos de surpresas, frustrações, quebras de expectativa e mudanças de rumo das pesquisas que foram feitas:

Marcel: Eu senti que a Érica era uma pessoa assim: chegou lá com bastante humildade, ela chegou, como ela mesma disse, com cautela sabe. [...] a gente conversando depois achei ela uma pessoa muito simpática, muito doce também [...] senti confiança na Érica. (Mundaréu 2020: Ep. 3)

Taniele: Eu lembro claramente as coisas que o Henrique me falou: que ele tinha gostado do jeito que eu tinha conversado com aquela senhora. Uma porque usando nenhuma palavra que infantilizasse e outra porque eu não ficava prestando atenção nos olhos dela só pra fazer de conta que eu tava prestando atenção. (Mundaréu 2020: Ep. 6)

Rodrigo: Os médicos então, e pesquisadores tavam interessados em, em usar uma série de instrumentos como questionários em escalas de religiosidade nesses pacientes. O que eu fiz então foi começar a ajudar esses médicos depois de ter sido convidado por eles pra aplicar esses questionários, e foi aí que eu conheci a Marina. Então, aplicando os questionários com os pesquisadores que eu também tava pesquisando. (Mundaréu 2019: Ep. 2)

Considerações Finais

De modo geral, o *Mundaréu* traz uma gama de experiências antropológicas que muito tem a contribuir em diferentes âmbitos: desde para a academia de modo geral, passando pela formação de estudantes das ciências sociais, como também para a sociedade fora das universidades. Toda a primeira temporada é recheada de histórias que emocionam, revoltam, alegram, questionam a nós mesmos e nos divertem. Ademais, cabe destacar também o caráter extremamente questionador que o programa traz nos fazendo refletir sobre uma série de tabus e temáticas delicadas no que diz respeito a desigualdades, sexualidade, economia, trabalho e saúde. Por fim, o programa também nos mostra como as ciências sociais e principalmente a Antropologia são diversas, plurais e cheias de possibilidades de estudo e de atuação.

Referências bibliográficas

CARVALHO, Ana A. A. 2009. “Podcasts no ensino: contributos para uma taxonomia”. *Ozaxfaxinars*, 1(8): 1-15

- FLEISCHER, Soraya; MOTA, Julia Couto da. 2021. “Mundaréu: um podcast de antropologia como uma ferramenta polivalente”. *Revista GIS*, 6(1): 1-21
- MUNDARÉU, 2019 e 2020. Locução de: Daniela Manica e Soraya Fleischer. Podcast. Disponível em: <https://bit.ly/3j4f1xX>
- OLIVEIRA, João Pacheco de. 2009. “Pluralizando Tradições Etnográficas: sobre um certo mal-estar na antropologia”. *Cadernos do LEME*, 1(1): 2-27.
- ROCHA, Everardo P. Guimarães. 1994. *O que é etnocentrismo*. São Paulo: Brasiliense.
- SOUZA DE SOUSA, Lumárya. 2019. *FavelAção: experiências de letramento midiático através da pesquisa-ação*. Dissertação de Mestrado em Comunicação, Universidade Federal Fluminense, Niterói.
- ZENOBI, Diego. 2010. “O antropólogo como ‘espião’: das acusações públicas à construção das perspectivas nativas”. *Mana*, 16(2): 471-499.

Recebido em: 15/04/2021

Aceito em: 29/04/2021